

# Revolução, não. Revisão da doutrina, sim.

Pelo Cel. T. A. ARARIPE

## I — INTRODUÇÃO

Os acontecimentos da atual luta teem provocado natural inquietação nos espíritos de todos aqueles que estudam, meditam ou aplicam os conhecimentos da arte da guerra.

Entre nós, essa inquietação já tem sido apreciada pelas nossas maiores autoridades nos estudos dessa natureza. Ela foi formulada nas seguintes perguntas:

“No momento em que, nos campos de batalha da Europa, a arte da guerra é submetida à formidável experiência, da qual alguns elementos poderão ser focalizados em alguns dias, mas cujo estudo e interpretação, assim como as conclusões a tirar para o futuro, exigirão semanas e mesmo alguns meses; no momento em que os métodos táticos estão em via de transformar-se e as próprias formas da manobra estratégica são suscetíveis de discussão, pergunta-se, convirá falar em Tática e Estratégia?” (1)

“O mundo acaba de assistir o fim teatral e inesperado dos primeiros atos de um drama de guerra, sobre o qual ainda não caiu o pano.

Quais as causas do êxito rápido e decisivo?  
Novos princípios, nova doutrina de guerra?  
Falência de ensinamento do passado, de tudo quanto aprendemos?” (2)

---

(1) General CHADEBEC DE LAVALADE — “Conférence d'ouverture du Cours du Haut Commandement de 1940”.

(2) Coronel RENATO BATISTA NUNES — Discurso na E. E. M. em 1941.

Na mesma ordem de idéias e na mesma época, o Ten. Cel. ANGEL GONZALEZ DE MENDOZA Y DORVIER, da Escola de Estado Maior de Espanha, regressando de uma viagem à frente ocidental, assim inicia o seu relato:

“A primeira afirmação que, ao iniciar este artigo, devo fazer por conta própria, é aquela que, certamente e baseados em nosso conhecimento da filosofia de guerra, todos vós esperais: — em que pese a observação apresada de alguns iconoclastas, os princípios fundamentais da guerra continuam imutáveis, para empregar a frase de FOCH, ou se quizerdes e para ser menos radicais na afirmação, inalterados”. (3)

Aliás, no nosso caso particular, essa preocupação de espírito vem de mais longe, desde o momento em que cuidamos de codificar os processos de guerra que deviam ser adotados por nós, nos teatros de operações sul-americanos.

“Como faremos as nossas guerras ?

Quais serão a nossa doutrina e os nossos processos de manobra e de combate ?

Como aproveitar a experiência dos exércitos adiantados?” (4) formuladas constantemente e apreciadas em estudos, mais ou menos valiosos.

Na conclusão de uma das minhas, recentes conferências, (4) procurei sintetizar a **regra de aplicação da ciência ou arte militar** nos nossos teatros de operações. Ei-la:

“— respeitar a **Doutrina** — a parte permanente (ou menos variável) da experiência da guerra;

utilizar os **processos**, tanto na Organização como na Tática, como na Estratégia, escolhendo e adaptando os mais adequados às circunstâncias particulares ao meio

(3) Revista “Ejército” — Madrid — Março, 1941.

(4) Do autor — “A doutrina e os processos de guerra — Sua aplicação na América do Sul” — Conferência na E. E. M., 1940.

e as modalidades da guerra em cada teatro de operações, encarando quer o caso de se dispor de aparelhamento completo, quer também o de se possuírem recursos deficientes e muito aquém das necessidades. E' preciso, repito, encarar a guerra do rico, que haveremos de ser um dia, dos meios poderosos, mas não abandonar a eventualidade da guerra com recursos reduzidos.

Não se trata de copiar servilmente nenhum regulamento, nenhuma organização, mas de adaptar com inteligência.

Não se trata de evitar cegamente opiniões alheias, mas de analisá-las, compreendê-las para aplicá-las com critério pessoal".

Logo se percebe que é sob esse mesmo espírito e segundo a mesma orientação que devem ser apreciados os fatos da guerra atual — **Adatação inteligente — Flexibilidade de espírito na apreciação e na aplicação dos processos de guerra.**

Nessa apreciação, o primeiro grande mal a apontar consiste na tendência de certos espíritos se apressarem em edificar sínteses e deduzir conclusões absolutas de informações isoladas ou mal fundamentadas. As informações satisfazem a curiosidade mas, mesmo quando verdadeiras, só serão uteis na apreciação quando classificadas, comparadas e ordenadas. Para que se possa chegar a conclusões, a generalização, é preciso que seja grande o número de experiências verificadas. Ora, cremos que, até o atual momento, não conseguimos nem informações perfeitas e completas, nem o número desejado delas. Portanto, ao apreciarmos os fatos da atual guerra apenas podemos pretender chegar a uma primeira aproximação nos ensinamentos que proporciona.

Essa circunspeção é forçada pela velha observação de que na guerra não ocorrem milagres na aplicação dos processos e que os seus métodos não evoluem por saltos bruscos, sem solução de continuidade entre os elos da cadeia que os unem. E mesmo quando as armas ou processos novos produzem desequilíbrios no campo da Estratégia e da Tática, é certo que a

eterna luta da couraça contra o canhão, passado o primeiro efeito de surpresa, reconduz os fatos a uma situação estável.

A circunspecção é recomendada inda quando se considera que as armas e processos forjados ou concebidos para determinados teatros de operações, contra determinado inimigo e segundo circunstâncias especiais, podem não ter aplicação ou fracassar em outras situações diferentes. O exemplo da guerra de 1914/18 tem sido concludente, pois, a utilização da experiência dessa luta, com processos quasi cristalizados, produziu efeitos desastrosos para mais de um Exército.

Cabe ainda a circunspecção ante a necessidade de fugir-se do dogmatismo a que se é arrastado pelo fetichismo e por cega admiração para com o vencedor e os seus métodos, na presunção de que quem venceu acertou e quem foi vencido errou. Haja vista o que aconteceu depois de 1918, quando a maior parte dos Exércitos se apressou em copiar, mais ou menos servilmente, a regulamentação francesa, abstraindo-se completamente do auxílio que poderia ser prestado pela experiência alemã.

Chega-se assim a adotar, na apreciação e na aplicação da experiência das guerras, uma espécie de **ecletismo**, de que nos fala o ilustre camarada MARIO TRAVASSOS (5) e de cujo termo nos servimos para exprimir a conveniência de se aproveitar, não apenas determinado método ou sistema, mas o que houver de melhor e de mais útil em cada um deles.

## II — QUE SE ENTENDE POR DOCTRINA DE GUERRA ?

Esse ecletismo opõe-se ao **esquematismo**, à rigidez nos métodos e processos e exigem justamente a **flexibilidade de espírito** de que falamos. Ele não significa versatilidade, porque, de qualquer modo, as regras de procedimento, as normas, os métodos ou os processos de guerra usados em cada Exército, tem que obedecer a determinadas características e são

---

(5) MARIO TRAVASSOS — "Ensinamentos da Guerra e Organização militar" — no "Jornal do Brasil".

orientados, em sua aplicação e em sua evolução, por um fio condutor, a que se dá o nome de **DOCTRINA DE GUERRA**.

Já no entendimento dessa designação, deve haver inteligência e flexibilidade. Doutrina de Guerra é "a maneira **comum** de pensar e agir em todas as circunstâncias, de encarar sempre **sob o mesmo ângulo** os problemas da guerra, para que as iniciativas se exerçam rapidamente e com acerto e as ações convirjam sempre para a realização do objetivo comum" (6). Por isso não pode ser reduzida a um **feixe de princípios** imutáveis, como se tem afirmado algures. Nem pode ser negada a sua existência, como o quis o autor de "De Descartes au General X" (7), como também não é aceitável a existência de uma só Doutrina de guerra, como disse o General Gamelin. (8)

Dos **princípios**, disse o General De Lavalade: "Não pretendo dizer que esses princípios sejam totalmente desprovidos de utilidade. O que desejo, como vos disse precedentemente, é pô-lo no vosso espírito no papel que devem desempenhar, e esse papel é o de conselho, de simples regra de procedimento com que muitas vezes convem conformar-se. São, de algum modo, com os provérbios, essa sabedoria popular, invocada às vezes quando se quer tomar uma decisão. O **perigo** começa quando, considerando-os verdadeiramente como princípios, com tudo o que esse termo comporta de **absoluto**, de **obrigatório** e de **imperativo**, julga-se no dever de aplicá-los cegamente e em qualquer circunstância.... Pensareis talvez que trato com desenvoltura esses princípios de que eminentes autores teem tratado de forma magistral em suas obras. Por isso, sinto-me bem cobrindo-me com a autoridade de um dos nossos grandes chefes da Guerra, o Gen. DEBENEY. E o faço com tanto maior boa vontade quanto ele soube formular, em termos de clareza e precisão admirável, as conclusões a que desejava chegar:

Nada seria mais inútil do que desejar estabelecer um catálogo dos princípios que os mestres da arte ilustraram com os

(6) Discurso na E. E. M. pelo Coronel RENATO BATISTA NUNES

(7) "Perier de la Bathie".

(8) Conferências — General GAMELIN.

mais gloriosos êxitos :seria apenas a **enumeração de fórmulas ôcas**, cuja sonoridade pôde facinar os noviços, porém cuja aplicação os levaria rapidamente aos **peiores erros práticos**. Na realidade, os princípios da guerra só tem valor profundo para os que a eles chegaram mediante trabalho pessoal. Esse trabalho longo, sobretudo de reflexão e bem dirigido, proporciona ao espírito um equilíbrio e uma flexibilidade que lhe permitem adaptar-se rápida e completamente às situações de guerra, sempre previstas para qualquer lado. Sob essa condição, a solução se apresenta com facilidade...

Tomai os princípios pelo que devem ser: conselhos práticos, regras gerais. Porém compenetrar-vos bem da idéia de que nenhum deles jamais vos dará a chave duma solução e sobretudo que nenhum deles deve ser aplicado cegamente. Só o raciocínio vô-lo dará. Porisso já vos disse: **Não há em Tática e em Estratégia princípios absolutos, só há verdades de experiências e um método de raciocínio**" (9).

Se o autor de "Decartes au Général X" considerou a Doutrina como um sistema rígido de princípios e regras, estamos com ele na opinião de que não há Doutrina de Guerra mas apenas Métodos de buscas das soluções.

No conceito em que a temos, de um sistema harmônico, coêso e flexível de regras de procedimento, de normas de métodos e de processos de Guerra, existe não apenas uma Doutrina de Guerra mas várias Doutrinas de Guerra, consoantes às particularidades de cada povo ou de cada Exército (10). E' bem verdade que nessas diferentes Doutrinas, há pontos de contáto, uma boa parte comum, porém há também profunda diferenciação principalmente nos processos de instrução. As características materiais, intelectuais e morais de cada Nação ou Exército dão necessariamente origem a uma maneira particular de entender e de aplicar a Estratégia e a Tática em cada um deles. Não se pode negar a pro-

(9) General DE LAVALADE — Conferências do Curso de Alto Comando.

(10) Basta citar-se o Gen. DE LAVALADE: "No mais alto escalão, o terreno exerce influência determinante sobre doutrina tática dum Exército". (O grifo não é nosso).

funda divergência entre as Doutrinas de guerra Francesa, Alemã, Japonesa, Inglesa, Russa, etc., nas diferentes épocas da História. O exemplo mais frisante está no antagonismo que os fatos da atual guerra evidenciaram entre as duas concepções estratego-táticas, alemã e francesa, concepções essas frutos da mentalidade da grande massa nacional, militar e civil:

— No Exército Francês, ou melhor, na França, o pensamento primário defensivo; prudência; centralização e alinhamento; a segurança primando sobre a ação guerreira; daí perda de tempo; em compensação **fraco risco** na operação;

— No Exército Alemão, pensamento primário ofensivo, brutal e violento; necessidade e vontade de destruir rapidamente o inimigo; descentralização para que todos que pudessem avançar o fizessem sem a preocupação de alinhar-se; secundária e segurança; logo ganho de tempo; como desvantagem, grande risco na operação.

Começemos por aqui ao alinhar as observações, nessa primeira aproximação dos ensinamentos que a atual guerra nos pode proporcionar.

### III — MENTALIDADE OFENSIVA — MENTALIDADE DEFENSIVA

Impõe-se, mais uma vez, comparar-se o **espírito ofensivo** e o **espírito defensivo** não apenas dos Exércitos mas dos povos.

As preocupações pacifistas do espírito humano deram vida, em Genebra, as fórmulas de Exércitos puramente defensivos" e de "Armamento defensivo". Nunca se soube bem o que isso significava e não se conseguiu chegar a uma definição, porque, na verdade, nem a simples pistola quando dispara o seu projétil lhe marca um D ou um A, conforme está na defensiva ou no ataque.

Mas a idéia persiste. Nasceu talvez de "Conversas fiadas" de políticos, aliteratados, por vezes de bom coração, mas outros de mau fígado na satisfação de interesses inconfessados. Repetidas, anos seguidos, as palavras atuam nas mas-

sas, como o caruncho na madeira, no seu ran-ran permanente, monótono e sem importância; e um belo dia, como a madeira se reduzirá à casca, as nações, desarmadas moralmente e despercebidas de **espírito guerreiro**, serão fáceis presas de outras mais fortes e em que dominem o espírito de conquista.

Em alguns povos, mesmo de formação guerreira, as crises provocadas por um lirismo social-político, anemiando o seu espírito guerreiro, criam uma mentalidade defensiva que lhes tem sido fatal.

A lição lhes tem sido dura e, mais de uma vez, a sanção da derrota lhes ensinou o verdadeiro caminho. E então a vitória será fruto de dezenas de anos de reeducação do espírito guerreiro da Nação. Haja vista 1870-1918 para a França.

Povos há de grande progresso economico-industrial, com largos recursos para uma completa organização militar e que se vêem em situações difíceis por falta de um espírito guerreiro bem compreendido. Ao contrário de outros, não lhes falta o sentimento imperialista, de domínio sobre os outros povos, nem o acentuado amor ao risco desenvolvido por bem cultivado espírito desportivo; acham-se, porem, imbuídos de mentalidade particular no tocante à defesa nacional. A massa geral do país não sente, sobre si mesma, o peso das obrigações militares e não chega a compreender-lhes a necessidade. Admite, é certo, a idéia do sacrificio máximo, mas conta com as forças armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — para realizar esse sacrificio. E, muito embora essas forças armadas consigam alcançar o mais alto gráo de preparação material, técnica e moral e estejam dispostas a cumprir a sua elevada missão, é evidente que sofrem influência da mentalidade defensiva da massa da população.

Lançados na fogueira, esses povos ainda demorarão a se aperceber da dura realidade. Lembremo-nos de que a Grã-Bretanha só em plena guerra se decidiu pelo serviço militar obrigatório e que nos Estados Unidos da América do Norte ainda se discute a forma de execução desse serviço. Felizmente para eles, povos dotados de grande potencial moral e material, a revêde, arrastando irrevogavelmente toda a Nação



para a luta, desenvolverá o espírito guerreiro e forçará o senso ofensivo, na medida das possibilidades dos respectivos meios.

Mas, quanta ocasião perdida ! . . .

A mentalidade ofensiva dos povos influe poderosamente sobre as respectivas Doutrinas de Guerra. Criam-se, de um lado, os mitos da defensiva passiva, da inviolabilidade das frentes e das posições fortificadas; surgem a obliteração do senso da manobra e a formação da noção da ofensiva; geram-se a tibieza, a prudência e o excesso de método na execução das operações. (11) Ou, então, mantem-se e desenvolve-se o culto da ofensiva, exaltam-se o espírito guerreiro e as forças morais, dá-se fundamental importância à mobilidade, à audácia e à surpresa, exploram-se os processos de aproveitamento do êxito e das ações de flanco e a própria defensiva, quando utilizada, baseia-se na astúcia, na dispersão, na mobilidade e na variedade.

Sabe-se que muita tinta e papel foram perdidos para comparar a defensiva e a ofensiva.

Embora a regulamentação oficial chegue sempre a fixar o dogma de que "a ofensiva é o modo de ação, por excelência" e "só a ofensiva permite obter resultados decisivos", manifesta-se a tendência de apresentar a defensiva como "taboa de salvação", como que para refrear a audácia dos executantes a coibir a loucura da ofensiva cega. A própria defensiva assume caráter passivo, perde a elasticidade necessária e deixa de ser uma manobra flexível. Esquece-se que mesmo para defender-se é preciso atacar e manobrar.

#### IV — CARACTERÍSTICA DA ATUAL DOCTRINA ALEMÃ

Toda a arte da guerra é dominada pelos fatores **audácia**, **rapidez** e **surpresa**, que dão pelas suas iniciais **ARS**, o seu anagrama latino.

(11) General ALEHAUT — "Être prêts", 1935 e Lt. Cel. DE GAUULE, "Vers l'armée de métier".

Esse anagrama representa a própria essência da atual Doutrina de guerra do Exército alemão, cuja organização visa a violência e o aproveitamento do êxito sem tréguas, condições fundamentais da ação guerreira. Pode-se dizer que deve ser a divisa da Doutrina de guerra de qualquer povo.

### **Organização do Exército tendo em vista o aproveitamento do êxito sem tréguas**

Quando se fala em violência e rapidez das operações, alguns entendidos julgam logo que essas características só são possíveis com aviões e unidades blindadas. Isso não é bem verdade porque ainda é bem pequeno o número de grandes unidades blindadas do Exército alemão. Para poucas dezenas de divisões blindadas há cerca de duas ou tres centenas de divisões de infantaria tipo normal, divisões que, em geral, tem artilharia hipomovel, bem como trens regimentais da mesma natureza, a ponto de um R. I. ainda ter cerca de 400 animais.

Mas o que caracteriza a mobilidade dessa organização, além das Grandes Unidades Blindadas de manobra rápida, são as formações de unidades de Infantaria sobre veículos blindados para qualquer terreno; a mobilidade extraordinária da Artilharia, que mesmo nos calibres superiores como o 210, é de qualquer terreno e pode entrar em bateria em menos de dez minutos; o alívio do equipamento da Infantaria, com duas viaturas por pelotão para esse fim; a rapidez e riqueza dos meios de transmissão; a simplicidade das ordens; a descentralização e a iniciativa dos comandos; a técnica e a organização da Aviação; a **organização e material dos sapadores**; etc.. Contudo, é interessante notar que a mobilidade e a rapidez de deslocamento tem sido o apanágio das Grandes Unidades alemãs não motorizadas. Durante a campanha na frente ocidental, **algumas divisões deslocaram-se a pé da Polónia até a fronteira da França com a Espanha, fazendo uma delas 560 Km. em 11 dias.** Ainda nos últimos dias, foi anunciado que algumas divisões, tipo normal fizeram, na Rússia, 180 Km. em 36 h.

### Audácia e flexibilidade nos processos de execução

Os autores franceses que, nos últimos anos, apreciaram as atividades militares alemãs não se cansaram de anotar o caráter dinâmico e audacioso dos processos preconizados pela regulamentação alemã.

Em 1937, dizia o Ten.-Cel. A. MERMET — em *Siegfried Taktik* — Comentários a respeito da Tática Alemã: — “Os Alemães repelem o esquema — os exemplos tipos, as soluções rígidas — e buscam desenvolver a iniciativa. E quando apresentam os exemplos, eles são meros recursos de instrução, pontos de referência apenas”.

Diz o *Truppenführung*: “Cada chefe do posto mais elevado ao simples soldado, deve estar sempre convencido de que a inação e a perda de tempo constituem falta mais grave do que os possíveis erros na escolha dos meios e processos”.

“Tudo se baseia na descentralização, porque, como dizia von Moltke, o fator decisivo da guerra reside na iniciativa dos chefes subordinados. Se a missão não for mais suficiente para orientar a decisão ou se ela for ultrapassada pelos acontecimentos, será preciso ter em conta esse fato”. O erro e mesmo a desobediência são preferíveis à inércia”.

Os alemães combatem a prudência exagerada, prejudicial ao dinamismo indispensável à ação. Dizem que a falta de prudência pode levar ao desastre, mas que é preciso arriscar-se para conseguir o êxito. “E’ preciso que o homem saia de sua própria sombra” (Frederico II).

Em Altmeyer (12) encontram-se as mesmas idéias sobre a Doutrina militar alemã, cuja evolução apresenta notável caráter de unidade. Como Mermet, aprecia os característicos do combate de encontro e do ataque propriamente dito, comparando-os com os processos franceses. Enquanto estes atuam nos preliminares da batalha com método e prudência — tomada de contato e engajamentos progressivos, de algum modo esquemáticos e lentos — os alemães empregam no com-

(12) Gen. RENE' ALTMEYER — “Etudes de Tactique Générale” — 1936.

bate de encontro o máximo de forças, em bloco e em execução brutal, para obter o sucesso. Nada de manobras artísticas e de esperas para esclarecer a situação. Ao contrário, atuam violentamente e procuram explorar o êxito profundamente.

No ataque contra inimigo em posição, os alemães empregam certo método na montagem da operação mas a execução é sempre audaciosa: tomada de dispositivo rápida; a operação não é orquestrada como na doutrina francesa; os objetivos são em pequeno número, sem paradas demoradas; em geral, basta um objetivo afastado, englobando as posições de baterias; não temem ter unidades em flecha; etc.

Tem-se a impressão de que os alemães confiam no fator que Frederico II denominava de Sua Majestade o Acaso.

Da guerra atual, são conhecidos vários exemplos que dão realce à flexibilidade nos processos de execução. Começemos por lembrar a **simultaneidade de emprego das Divisões do tipo normal e as blindadas**. A grande potência ofensiva destas não afasta a oportunidade de emprego daquelas, sempre em maior número (10:1). A propósito contam os cronistas que entre o General Guderian, extremado partidário das forças mecanizadas e seu amigo General Busch, partidário das Unidades de composição normal, eram constantes as polêmicas sobre o valor desses organismos. Na rutura de Sedan tomaram parte as tropas dos dois chefes. Quando as divisões blindadas do General Guderian, em manobra de excepcional amplitude e audácia, atingiram Amiens e a costa, o seu comandante telegrafou ao seu amigo General Busch: "Estou com as minhas tropas coraçadas em Amiens. Acreditas nelas agora?" O outro respondeu: "Também rompi a frente com minhas tropas encoraçadas com lâ".

A **rutura da frente belga**, com a conquista do forte Eben-Emael, é bem outro exemplo da flexibilidade dos processos de execução. Reconhecendo-se não ser applicavel o processo clássico da rutura contra o forte, recorreu-se à técnica do mosquito pois que, a estrutura do forte assim o permitia. De fato, a disposição deste foi concebida para lutar com poderosos exércitos que de longe investissem o campo fortificado para

rompê-lo, esquecendo-se de proteger as suas partes sensíveis contra os fracos elementos que o assaltaram e o fizeram emudecer. O forte era como que o caçador de elefantes, instalado na selva e que vigilante na seteira do seu "blockhaus" esperasse gigantesco inimigo, confiado nas suas poderosas armas. Mas o paquiderme pôs-se de acordo com um enxame de mosquitos venenosos e quando o caçador se julgava seguro, estes o picaram em logares sensíveis e que não tinha pensado em defender.

Assim, em lugar de uma preparação de Artilharia de vários dias, no estilo da guerra 1914/18, acompanhado de bombardeios massivos da Aviação e ataques de sucessivas vagas de Infantaria, a von Sauer, como em Verdun, 70 homens escolhidos e uma patrulha de sapadores converteram em um cadaver o principal mastodonte da defesa belga.

Pela brecha aberta, meteram-se as Grandes Unidades que atravessaram, sem embaraço, o Mosa, pois que a surpresa evitou a destruição das pontes, e, sem procurar bater toda a linha, levaram o aproveitamento do êxito até a fronteira francesa.

Outro exemplo refere-se à **transposição do Reno a 15 de Junho**, na qual também foi aplicada a técnica do mosquito. Dadas a largura do rio (700 m.) e a velocidade da corrente (5 m. por segundo), consideravam-no os franceses um obstáculo intransponível. Por isso mantinhãam na margem do rio apenas os postos avançados com fortins e ninhos de metralhadoras, enquanto a verdadeira linha Maginot ficava a tres Km. do rio. A transposição foi feita, depois de duas horas de preparação, por dois regimentos que utilizaram 400 barcos motores.

Esse caso ainda sugere interessante observação. A solução dada pelos franceses para a defesa do Reno tinha a sua crítica feita pelo Gen. Brailion (13) em 1933. Preconizando a necessidade do método de raciocínio, diz o General e não nos podemos furtar ao ensejo de transcrever toda a lição:

(13) General BRAILLON — "Essai sur l'Instruction Militaire", pag. 215.

“Num exercício de quadros de dupla ação na carta, devia uma Divisão Azul, entre certos limites, interdizer a passagem do Reno ao inimigo. Se o comandante dessa Divisão tivesse encarado o problema na sua simplicidade, seria naturalmente levado a fixar como primeiro resultado desejado, a tomada de um dispositivo que lhe permitisse, à vontade, cobrir com fogos tão densos quanto possível, toda a região da margem adversa donde pudessem partir os elementos vermelhos do ataque e toda a extensão do rio, na zona de ação da Divisão. Mas, amarrando-se à ordem-tipo duma organização defensiva, esse comandante de divisão quis realizar uma posição de postos avançados, com linha de vigilância e linha de resistência e uma posição principal de resistência: — a linha de vigilância dos postos avançados na margem do Reno, a linha de resistência dos postos avançados nos primeiros contrafortes, a 2 ou 3 Km. atrás, a linha principal de resistência na borda do planalto e a Artilharia atrás dessa linha, a 9 ou 10 Km. do rio. Com esse dispositivo, calcado sobre o modelo geral, nenhum tiro de canhão, nenhuma rajada de metralhadora de alguma potência poderia cair sobre a margem vermelha ou sobre o Reno; o atacante correria apenas pequenos riscos na preparação e na execução da transposição e a missão recebida pela Divisão azul de interdizer a passagem do rio foi perdida completamente de vista e substituída por outra muito diferente...”

Outro exemplo a apontar é o da **ruptura múltipla da frente** adversa por agrupamentos de forças, aparentemente divergentes, mais na realidade em ligação e realizando a cobertura mútua dos respetivos flâncos. Com isso, visa-se o domínio dos principais nós de comunicações do inimigo bem como os acidentes geográficos que definem, tática e estrategicamente, o terreno. Formam-se assim as **clássicas bolsas**, que, ampliadas, permitem se cerrem as malhas de extensa rede, dentro de que ficam dominadas zonas desprovidas de comunicações. Estabelece-se a confusão nas comunicações do inimigo, que perde a visão do conjunto e fica impotente, vendo suas forças serem rechassadas, envolvidas e aniquiladas. Nessas operações a co-

rtura dos flancos de cada grupamento é feita de modo in-  
reto pela ação conjugada dos grupamentos vizinhos. Con-  
do, cada um deles não deixa de realizar a cobertura aproxi-  
da dos respectivos flancos, mediante conveniente escalo-  
mento em largura e em profundidade e a busca da informa-  
o em todos os sentidos. Nesse processo de rutura nota-se a  
plicação integral do anagrama enunciado anteriormente:  
dácia, Rapidez e Surpresa.

#### **Grande meticulosidade na execução das missões — Instrução esmerada dos quadros e da tropa**

Os comentadores militares acentuam que o grande segre-  
do Exército Alemão reside no cuidado e esmero que dedica  
execução de qualquer missão, por mais simples que seja.

A instrução dos soldados é minuciosíssima. A-pesar-da  
torização, dos Stukas, dos paraquedistas, a ordem unida,  
ro de fuzil, etc. continuam a merecer requintado cuidado.  
nesmo acontece com os exercícios de combate.

A-pesar-da superioridade de meios e de efetivos com que  
lutado, é fora de duvida que o êxito do Exército Alemão  
unda na instrução uniforme, minuciosa, esmeradíssima, do  
lado aos altos escalões do comando, e na disciplina moral  
telectual, o que lhe permite ótima aplicação dos mais va-  
los processos de guerra, adaptados à técnica e às possibili-  
des atuais dos meios.

#### **V — CONCLUSÃO**

Estava chegando ao fim destas notas quando recebi a  
vista Militar Brasileira” e nela li o artigo **Novo Rumo**,  
autoria do Exmo. Sr. General VALENTIM BENICIO.

Com sua autoridade de chefe culto e experimentado, fere  
general o palpitante assunto de renovação da nossa Dou-  
a de Guerra, salientando os dois grandes fatores que atual-  
te lhe traçarão diretrizes indispensáveis — o fator local,  
esentado pelo meio e as nossas possibilidades e o fator  
rno consubstanciado nas idéias e experiências dos outros  
s.

Não podemos manter-nos em atitude contemplativa, nem inertes, o que seria crime, como afirma o Exmo. Sr. General BENICIO. Impõe-se a criação de um órgão que se encarregue de reunir ensinamentos provindos dos Exércitos em luta e daqueles que, embora não estejam em luta, tenham organização adiantada e experimentada, como, por exemplo, o norte-americano; que os analise; os compare com o meio e as possibilidades; que verifique a influência que a sua adoção possa ter sobre as idéias até agora aceitas; e finalmente, que realize a adaptação dos procesos ao nosso meio. A esse órgão, corresponderia, portanto, sério trabalho de investigação através de fontes oficiais de informação provindas quer do Exército alemão, quer do francês, do inglês, do norte-americano, etc. e ainda criterioso trabalho de triagem, já apontado. Esse órgão teria assim função correspondente à ação doutrinária da extinta Missão Militar Francesa, mas, já se vê, com tarefa mais complexa e mais difícil. Subordinado ao E. M. E. seria constituído por chefe e oficiais habituados ao estudo dos assuntos doutrinários e à sua utilização prática e libertadas de outras preocupações, porque, no momento, é preciso que se trace uma orientação firme, para a evolução que teremos de sofrer no nosso aparelhamento militar e não fique este aparelhamento dependendo de opiniões apressadas ou de mera simpatia pessoal de oficiais bem intencionados mas colocados em pontos de vista estreitos.

Ele seria auxiliado pelas diferentes Escolas e pelas Secções técnicas das Diretorias de Armas.

Urge investigar com método, e pôr em dia a nossa Doutrina, revendo-a de maneira a conservar o que ainda deve persistir por serem idéias boas, mas aproveitando as experiências dos outros Exércitos e orientando-se sempre pelo ecletismo de que já falámos.

E se insisti nos exemplos do Exército alemão, tive em mira salientar o carater fundamental da boa Doutrina — a flexibilidade na aplicação dos processos, que, afinal pertencem a todas as Doutrinas e não devem ser despresados por nenhum Exército.

Ponta Grossa, 20-X-941.